



FÓRUM

de DESENVOLVIMENTO
PROFISSIONAL

CNA



Estácio

PÓS-GRADUAÇÃO | MBA

COLETÂNEA DAS PRINCIPAIS
DISCUSSÕES EDUCACIONAIS
**3º FÓRUM DE DESENVOLVIMENTO
PROFISSIONAL CNA**

JANEIRO/2022



FÓRUM

de **DESENVOLVIMENTO**
PROFISSIONAL

CNA



Estácio
PÓS-GRADUAÇÃO | MBA

Organização:

Luciana Locks

Autoria:

EDER SANTIN
Cidadela Comunicação e Editora

Diagramação:

Juliana De Maio Carnézi

CNA
inglês definitivo

Copyright Editora CNA – 2022
Todos os direitos reservados a Editora CNA
Cultural Norte Americano S/A.
CNPJ nº 58.062.779/0001-50
Avenida Paulista, 1294, 7A e 7B
Bela Vista - CEP: 01310-915 - São Paulo/SP
www.cna.com.br

ÍNDICE

1. Bilinguismo, linguagem e pensamento	2
2. Conexão, Gestão de Equipes e Clientes	4
3. Ferramentas tecnológicas e inovações	6
4. Práticas em sala de aula	8
5. Ensino da Língua Inglesa	10
6. Ensino da Língua Espanhola	13
7. Criatividade, Diversidade & Inclusão e Empatia	15
8. Inteligência emocional, mindfulness e comunicação afetiva	17
9. Formação continuada	19
10. Coordenação Pedagógica	21



1.

BILINGUISMO, LINGUAGEM E PENSAMENTO

*“Em termos de cérebro,
ninguém é, todo mundo está.”*

(Virgínia Chaves)



Grazielle Noro



Janaína Weissheimer



Marcello Marcelino



Virgínia Chaves

PESSOAS BILÍNGUES TÊM VANTAGENS COGNITIVAS SOBRE MONOLÍNGUES? ALGUNS PESQUISADORES DIZEM QUE SIM

Ser capaz de se comunicar em uma segunda língua, além da materna, é um diferencial positivo na vida social de qualquer pessoa. Essa é a motivação de muitos pais ao incentivar seus filhos a aprenderem um novo idioma. E essa percepção quase sempre traz bons resultados, não é mesmo?

Mas, segundo alguns estudiosos, ser bilíngue traz outros benefícios individuais. Alguns autores argumentam que pessoas bilíngues possuem vantagens cognitivas em relação a monolíngues, e essas vantagens se referem às funções executivas (FE) - habilidades cognitivas envolvidas no planejamento e na seleção de informações relevantes para a realização de determinada tarefa.

"A função executiva provê a base para o desempenho social, acadêmico, emocional e civil", diz Grazielle Noro, que defende um ambiente seguro para que as crianças possam desenvolver suas funções executivas. Janaína Weissheimer entende que o "bilinguismo influi no domínio cognitivo" e vai além, defendendo que é crucial integrar o inglês e o português, e não mais tratar esses aprendizados de forma separada.

"Aprender é conectar. O que realmente importa: atenção, engajamento ativo, feedback de erros e consolidação", ensina Marcello Marcelino,

ao mostrar como o ambiente envia "inputs" ao cérebro. Para ele, a aquisição da língua acontece enquanto a pessoa está ocupada fazendo outras coisas.

Ainda que o perfil do bilíngue possa sofrer alterações durante toda a vida, devido à intensidade no uso das línguas apropriadas por ele, suas características individuais e fatores sociais diversos, é preciso considerar que a idade da pessoa é um fator importante quando se pensa em aprendizagem.

Nesse aspecto, Virgínia Chaves chama a atenção para a necessidade de entender o cérebro adolescente. Ela adverte que os adolescentes sempre foram tratados como miniadultos. Por conta disso, espera-se que tenham desempenho, maturidade e concentração que eles não estão preparados ainda para ter (pelo menos não sem uma prévia orientação). "Mas isso não significa que não tem jeito, que o cérebro do adolescente é assim e segue a vida", diz. Ela lembra que a adolescência é uma segunda etapa explosiva de capacidade cognitiva (depois da infância) e o cérebro "é plástico. A gente consegue modificar tudo". 🧠

2. CONEXÃO, GESTÃO DE EQUIPES E CLIENTES

*“Comunicar é saber ouvir
e fazer as perguntas certas.
Invista tempo para conhecer
melhor as pessoas. Vale a
pena!”*

(Fernando Neca)



Alexandra
Viveiros



Emerson Rocha



Fábio Santos



Fernando Neca



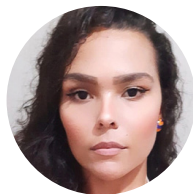
Heloísa Chaves



José Rito



Nicadan Galvão



Pollyanna R.
Gabriel.

COMUNICAÇÃO É TUDO. OU QUASE TUDO

Uma frase muito comum no meio comercial, que certamente você já ouviu, é: “O cliente tem sempre razão”. Não é uma verdade absoluta, claro, mas ela permite fazer uma boa reflexão sobre o modo como nos relacionamos com nossos clientes, colegas de trabalho (equipe) e parceiros – ou seja, os outros. Aqui vai uma dica: qualquer que seja a relação, a base dela é a comunicação.

“Comunicar é saber ouvir e fazer as perguntas certas. As pessoas costumam ter relacionamento com quem elas confiam”, define Fernando Neca, ao mostrar como superar expectativas para tornar os clientes fiéis. Por isso - aconselha ele - “invista tempo para conhecer melhor as pessoas. Vale a pena!”

Esta visão é compartilhada por Nicadan Galvão. Para ele, precisamos aprender a nos reconectar com o consumidor em um conceito macro, e não apenas como potenciais consumidores do serviço. “O comportamento do consumidor mudou e nossa atitude ao abordá-lo também precisa mudar. É preciso falar menos e escutar mais, entender o momento de vida dele”, diz.

A relação com o cliente tem outros componentes importantes, como a negociação, que não precisa ser necessariamente competitiva, mas um processo de parceria. Porém, para obter êxito nela, é preciso estar bem preparado em seus argumentos, aconselha Fábio Santos. “Os recursos de negociação podem ser utilizados em qualquer momento das nossas vidas.”

Clareza e foco na mensagem são fundamentais também no relacionamento com a equipe. O líder deve treinar a equipe para ela saber lidar com o cliente durante toda a cadeia de atendimento.

“Nós, enquanto escolas, trabalhamos fundamentalmente com informação. O nosso produto primário é a informação. O nosso principal desafio é entregar essa informação com qualidade para nossos clientes. Não estamos vendendo uma geladeira, mas sim um processo formativo”, diz Emerson Rocha.

Pode-se dizer que a comunicação não é o que se fala, mas sim o que o outro entende, segundo Pollyanna R. Gabriel. Por isso, um bom trabalho resulta de clareza na mensagem e um time unido e alinhado. “Parceria é questão de encaixe. Crie afinidade com os parceiros, e lembre que afinidade é diferente de intimidade”, adverte José Rito segue na mesma linha, propondo que cada indivíduo esteja junto das pessoas que compartilham da sua visão, “pois o futuro a gente faz junto”.

O sucesso da equipe comercial está na boa comunicação e, também, no monitoramento das ações e dos resultados, de acordo com Alexandra Viveiros, que cita Joseph Juran para expressar o que pensa: “Quem não mede, não gerencia. Quem não gerencia, não melhora”. A última mensagem é dada por Heloísa Chaves (Cambridge 4 all!): o público da escola é amplo e alunos satisfeitos podem indicar a escola para muitas pessoas. 📍

3. FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS E INOVAÇÕES



Andrea
Pilipposian



Flávio Valiati



Lara de Almeida
Piffer



Kallil Vanderik
Gondim



Marcio Augusto



Paulo Dantas



Stephan Hughes

*“Os aplicativos vêm e vão.
Nós, como professores,
precisamos conhecer nosso
objetivo principal ao usá-los.”*

(Stephan Hughes)

A REDE É SOCIAL, MAS A VIDA É REAL

Lembre-se:

- › Inovação é um processo e não um evento (VANDERBERGHE)
- › Inovação é manter-se relevante (SHAPIRO)

A revolução tecnológica da informação, que começou há mais de 70 anos (uma senhora, já), ainda assusta muita gente, principalmente quando a inovação se refere à sala de aula. Isso ocorre porque, como diz Paulo Dantas, todo mundo quer mudança, mas ninguém quer mudar. Uma coisa é certa: o futuro é digital, o presente também.

E não há como pensar em comunicação digital sem falar de redes sociais, foco de Marcio Augusto ao tratar de descomplicar a criação de posts e gravações para redes sociais. Para quem entendeu a importância desse meio, ele deu várias dicas. Mas a principal é: "A rede é social, mas a vida é real".

Uma novidade relevante, atualmente, são as plataformas de videoconferências, que ganharam protagonismo com as restrições impostas pela Covid-19. O Zoom, por exemplo, lançou mais de 650 atualizações desde 2020 para atender melhor seus usuários. Flávio Valiati compartilhou algumas ferramentas úteis do Zoom para engajar os alunos, como Spotlight, gestos com as mãos, verificação de identidade, modo de exibição do Huddle, entre outras. E passou a lição: "A tecnologia é uma aliada. Ela veio para trazer escala".

Os recursos tecnológicos são vastos. Lara de Almeida Piffer, ao abordar o seu uso em aulas de inglês, compartilhou aplicativos como Bamboozled, Edpuzzle, Padlet, entre outros, e as formas como os professores podem utilizá-los em sala. Ela lembra que saber usar a tecnologia para a construção do saber é um dos desafios dos professores.

Esta é uma preocupação de outros pensadores. Stephan Hughes diz que existem muitos aplicativos e ferramentas para educação, mas temos que nos perguntar se isso está realmente ajudando os alunos.

Para ele, a tecnologia não vai substituir os professores que se atualizam constantemente, pois "um professor é uma estrela que ajuda os alunos a atingirem seus objetivos". E recomenda: "não delegue seu papel à tecnologia. Seu trabalho é facilitar a interação dos alunos com o conteúdo, bem como entre si".

A construção do conhecimento, via tecnologia, vale também para a organização interna da instituição. Kallil Vanderik Gondim, ao abordar o uso de ferramentas Google na CNA, disse que "a comunicação interna precisa ser eficiente". E trouxe templates para uso da coordenação, biblioteca de atividades extras e materiais que estarão no CNA Teachers' Hub em breve.

Por fim, é bom lembrar que vivemos a era da interatividade, que por princípio gera maior engajamento. Ao destacar o poder da comunicação visual e interativa, Andrea Pilipposian trouxe a referência das redes sociais (visuais, rápidas e interativas) para defender a importância de incluir a interatividade na sala de aula. "O criador do Genially (software de criação de conteúdo interativo) era biólogo e pensou em criar apresentações que tivessem vida", exemplificou. 🌟

4. PRÁTICAS EM SALA DE AULA

*“Não é sobre destino final,
mas sobre a jornada.”*

(Suellen Barbosa Saraiva)



Amanda
Moutinho



Bete Rodrigues



Carolina Lima



Carol Romano



Letícia Moraes



Lygia Leite



Neto Aguiar



Pâmela Raquel
Oliveira



Suellen Barbosa
Saraiva

DA OPORTUNIDADE DE ERRAR AO SENTIDO DA COMUNICAÇÃO

Com o isolamento social, pode ser até difícil se lembrar do dia a dia em sala de aula, que exige de professores e alunos paciência, habilidade e estratégia para aproveitar ao máximo a oportunidade de ensinar/aprender. Por isso, é gratificante contar com um espaço para a reflexão destas e de outras questões ligadas ao desenvolvimento de nossos estudantes.

Bete Rodrigues compartilha conselhos preciosos para enfrentar esses desafios, em especial como lidar com os comportamentos desafiadores dos adolescentes. Ela nos convida a lembrarmos como éramos na adolescência e reforça a importância de estabelecermos conexão para que os adolescentes tenham o senso de pertencimento. "Procure agir com gentileza e firmeza. Elogio é como doce, encorajamento é como uma dieta saudável", compara.

Apoiar os alunos em seu aprendizado é o principal objetivo do professor e aqui reside a importância das estratégias de aprendizagem. Em sua palestra, Lygia Leite convida os participantes a compartilharem suas próprias estratégias para aprender um idioma - oportunidade para falarem mais sobre como ajudar os alunos a desenvolverem suas estratégias de estudo. Neto Aguiar e Carolina Lima, que encorajam o desenvolvimento da autonomia dos jovens, apresentaram ferramentas digitais com esse propósito, mencionaram o CNA Net/Professores On-line e mostraram a seção de feedback time dos livros CNA.

Parece ser consensual que a jornada da aprendizagem é rica em si mesma e deve ser valorizada. Daí o papel pedagógico do portfólio, que dá ao aluno maior consciência de seu aprendizado e oferece a ele um feedback mais significativo e detalhado, além de ser um registro para os próximos professores. Para Amanda Moutinho de Miranda, autora destes argumentos, "é importante que haja uma mudança de mentalidade: menos preocupação com a nota, mais proveito da jornada".

A metodologia PBL (Project/Problem Based Learning), apresentada por Suellen Barbosa Saraiva como prática pedagógica para o programa CNA na Escola, detalha mais a jornada da aprendizagem. O PBL envolve novas experiências, pensamento crítico, resolução de problemas, trabalho colaborativo, investigação, autonomia e apresentação de soluções. "Os alunos trabalham em conjunto para

chegar a um resultado comum. Não é sobre destino final, mas sobre a jornada", explica.

A aprendizagem é ainda mais produtiva quando o objeto de ensino está relacionado a um projeto, argumenta Letícia Moraes. Um projeto é uma tarefa estendida, que geralmente dura mais que uma única aula, e os alunos devem produzir algo no final. "Os projetos nos ajudam a construir competências para interagir com o mundo", diz ela. Após discorrer sobre os tipos de projeto e as características dos projetos eficazes, Letícia fez uma análise do CNA Labs.

Tema de Carol Romano, o conceito de multiletramentos entende que a interação social varia culturalmente e se manifesta pela multiplicidade de linguagens (textos impressos, digitais, audiovisuais, sonoros etc.). Em sua palestra, ela destaca a riqueza desses textos – interativos, colaborativos, híbridos em linguagens, mídias e culturas – para que a comunicação faça sentido a seus interlocutores, propondo maior assimilação desse conceito. "A gente não pode mais ensinar da mesma forma que aprendemos. Um meme de internet, um trocadilho, uma piada só fazem sentido porque estamos adicionando camadas", explica.

Errar é humano... e também uma oportunidade de aprender. O tema, tratado por Pâmela Raquel Oliveira Veras de Almeida, conduziu a uma reflexão e a uma interação com os participantes sobre o processo de aprendizagem e a importância do erro como "uma bússola" e "uma oportunidade" para o aluno de desenvolver. "O erro precisa ser encarado como uma riqueza diagnóstica", defende. ♦

5. ENSINO DA LÍNGUA INGLESA



Alberto Costa



Aline de Souza
Silveira



Amanda Lambert



Antônio Augusto
Natércio



Cícero Fernandes
da Silva



David Bradshaw



Eduardo Bueno
da Costa



Luciana
Fernández



Isabela
Villas-Boas



Sarah Ellis



Matheus das
Chagas



Laura Fernanda
Vicente de Souza



Vanessa do
Nascimento



Victoria Peña

“O feedback deve melhorar em vez de provar”

(Isabela Villas-Boas)

**TO BE, OR NOT TO
BE, THAT IS THE
QUESTION**

A pergunta a seguir é quase tão clássica quanto uma peça de Shakespeare: “a literatura pode ajudar no desenvolvimento do aluno, especialmente no aprendizado de inglês?” Laura Fernanda Vicente de Souza acredita que sim e contou a experiência que teve com sua turma de Master 2 e o livro “Brave New World” (Aldous Huxley). Em sua palestra, ela defendeu o uso de materiais autênticos, por apresentarem aos alunos uma linguagem real, portanto mais atraente. Aos interessados compartilhou o passo a passo de uma aula usando “authentic material” e disponibilizou o material adotado com sua turma no CNA Teachers’ Hub.

Para quem prefere o outro lado do livro – o papel de autor, em vez de leitor – Aline de Souza Silveira falou sobre o processo de escrita até a publicação de um livro com a CNA. “A escrita ajuda os alunos a terem um maior senso de realização. E escrever pode ser um processo colaborativo, criativo e divertido”, diz ela. Eis uma oportunidade e tanto, não?

As circunstâncias e os tipos de erros cometidos pelos estudantes também são motivo de reflexão. Em sua palestra, Vanessa do Nascimento Fernandes qualifica os tipos de erro no uso da língua conforme sua gravidade e analisa a oportunidade de o professor intervir. Separando os erros entre aqueles que impedem a compreensão do texto (global errors) e aqueles que afetam apenas elementos de uma frase (local errors), ela provoca os participantes a avaliarem o modo mais adequado de intervenção e correção.

TO BE, OR NOT TO BE, THAT IS THE QUESTION

O tema da palestra de Matheus das Chagas Figueiredo são os desafios vividos no início da pandemia: medo, necessidade de fazer os estudantes ligarem a câmera de seus computadores, aulas para crianças, a questão da disciplina. Alguém passou por isso? A experiência reforçou a certeza de que “os alunos aprendem em situações do mundo real”.

Mas como avaliar um aluno nos dias de hoje? Com uma palestra que destaca a necessidade de uma avaliação alternativa, diferente da avaliação tradicional (geralmente baseada em teste), Isabela Villas-Boas nos coloca diante de uma questão maior: a empregabilidade das pessoas. Ela relata a grande falta de habilidade social dos jovens americanos, principalmente da geração Millennials, concluindo que as competências exigidas hoje - aprendizagem ativa, resiliência, tolerância ao estresse, flexibilidade – impõem uma revisão curricular e uma nova atitude dos avaliadores. “Precisamos redesenhar currículos digitais, baseados em competências, flexíveis e personalizados. E o feedback deve melhorar em vez de provar”, diz.

O desenvolvimento das habilidades de fala, com seus elementos-chave e desafios, é o foco de Sarah Ellis e Alberto Costa. Passando por aspectos como “precisão x fluência”, características da conversação e habilidades para comunicação interativa, os palestrantes entendem que cabe ao professor a responsabilidade de motivar os alunos a falarem em aula. “Não buscamos perfeição na pronúncia em nenhum nível, mas ela precisa ser compreensível”, dizem.

Para Amanda Lambert, que tratou da criatividade no ensino de inglês, ser um professor reflexivo exige consciência e conhecimento de seus alunos para operar mudanças no plano de aula. “Não podemos restringir a criatividade a um material

específico. Precisamos analisar a nossa aula e entender o que os nossos alunos vivem”, defende ela. Essa premissa parece ser compartilhada por Eduardo Bueno da Costa, que mostrou como ensinar fonemas por meio de jogos.

Luciana Fernández trata das melhores práticas no ensino de uma língua estrangeira para Young Learners, lembrando que existe uma diferença entre o que o professor ensina e o que o aluno é capaz de aprender. “Qual é a diferença entre aprender uma língua e adquirir uma língua?”, provoca ela. E adianta: “A aquisição linguística não requer o uso extensivo e consciente de regras gramaticais, nem exercícios entediante”.

Cícero Fernandes da Silva entende que, ao ensinar, “é preciso tornar explícito o que é implícito”. Ele lembra que o conhecimento explícito é facilmente articulado, codificado, armazenado e acessado, diferentemente do implícito, que é difícil de expressar ou extrair.

Olhando para a jornada de aprendizagem, Antônio Natércio Pereira chama a atenção para os estudantes de nível intermediário, momento em que “o progresso não parece ser tão marcado”. Segundo ele, existe um fosso entre a competência receptiva e produtiva nessa fase. “Os alunos tendem a utilizar em excesso um vocabulário de nível inferior e não conseguem adquirir um vocabulário mais avançado”. Assim, adverte ele, a fluência nesses alunos pode progredir à custa da complexidade.

“Supporting students with listening” foi o tema de David Bradshaw e Victoria Peña, que destacaram os desafios do método (incluindo as dificuldades dos estudantes), sua integração com outras competências e o modo de avaliar seus progressos.

6. ENSINO DA LÍNGUA ESPANHOLA



Enrique Melone



José Luis Sanchez



Leandro Bolívar



Samira Caro



Silvana Latorre

“Professor e aluno têm algo em comum: ambos se interessam pela língua e compartilham a responsabilidade de construir juntos o caminho para a apropriação da linguagem.”

(Enrique Melone)

O ESPANHOL QUE AMAMOS

Você já parou para pensar que o espanhol é um dos idiomas mais falados do planeta, ficando atrás apenas do inglês, do mandarim e do hindi? Como língua oficial de 21 países, em 2020 era falado por aproximadamente 489 milhões de pessoas no mundo. Se você é uma delas, vai gostar de saber que a CNA trouxe palestrantes superantenados com o ensino da língua espanhola.

Uma dúvida frequente é saber se existe diferença entre o idioma falado na Espanha e o espanhol usado em outros países, especialmente da América Latina. O tema foi tratado por Samira Caro e acredite: "la respuesta es no". Claro que algumas diferenças existem, até mesmo dentro da Espanha, mas o idioma é o mesmo e sua prática por aqui deve ser estimulada. "Temos que valorizar o espanhol da América Latina", diz Leandro Bolívar.

O professor e o aluno têm algo em comum: ambos se interessam pela língua e "compartilham a responsabilidade de construir juntos o caminho para a apropriação da linguagem", diz Enrique Melone, em sua palestra sobre escrita em língua estrangeira. Então, que tal estimular os alunos a colocarem aquele conto no papel? Em espanhol, claro. Para o trabalho em sala de aula, Silvana Latorre aprofundou os conceitos de abordagem indutiva e dedutiva no ensino de línguas e José Luis Sanchez deu dicas sobre didática e gramática. 🗣️

7. CRIATIVIDADE, DIVERSIDADE & INCLUSÃO E EMPATIA



Ana Rita Leandro



Alessandra Righi



Carolina Sanches



Cíntia Rocha



Diego Fermino
Lourenço



Gabriela
Coppolla



Giselle Santos

“Se você está vivo, é do seu tempo sim!”

(Carolina Sanches)

A ERA EM QUE TUDO É POSSÍVEL

Pode parecer estranho, mas “o mundo se globalizou”. Isso quer dizer que muitas barreiras (econômicas, políticas e culturais) deixaram de existir e uma delas diz respeito à inclusão social. As novas gerações, cada vez mais, entendem a diversidade humana como algo natural e até desejável. É uma visão transformadora da sociedade e, como tal, impacta todas as atividades humanas, inclusive o ensino e o mercado de trabalho.

“Todo mundo ganha quando temos um ambiente diverso e inclusivo. As empresas mais diversas são mais justas e mais lucrativas”, avalia Giselle Santos, ao abordar a relação entre diversidade e inclusão corporativa. Sim, o mercado de trabalho mudou. Mas essa evolução começa na sala de aula e Cíntia Rocha nos traz essa abordagem quando fala sobre a importância de uma linguagem antirracista no ensino de línguas. Ou ainda quando Alessandra Righi debate a dislexia na sala de aula e indica como o professor pode ajudar o aluno disléxico.

Por trás dessa transformação está a empatia, que é a capacidade de compreender emocionalmente o outro. “Muitas vezes a gente não sabe o que é empatia na prática, e isso se deve por essa palavra ter virado lugar comum na sociedade. Mas a gente aprende muito com quem é diferente de nós”, dizem Ana Rita Leandro e Gabriela Coppolla. E aqui entram outros aspectos importantes, como o feedback ao aluno, que “precisa gerar mudanças”, segundo Diego Fermínio Lourenço.

A tendência comportamental, hoje, é integrar ao convívio mútuo quem é considerado diferente do senso comum. Para isso, Carolina Sanches lembra que “inovar é fazer diferente” e devemos misturar universos sem perder suas essências. Isso deve ser feito sem medo nem vergonha. “Se você está vivo, é do seu tempo sim!”, diz ela. 🍷

8. INTELIGÊNCIA EMOCIONAL, MINDFULNESS E COMUNICAÇÃO AFETIVA



Ana Holanda



Bruna Almeida



Etienne Alves



Jane Godwin Coury



Vanessa Cotosck

*“Esteja presente no agora
e entenda o que está
acontecendo.”*

(Jane Godwin Coury)

O MAIS PRECIOSO PRESENTE QUE PODEMOS OFERECER

Disse o monge budista Thich Nhat Hanh que “o mais precioso presente que podemos oferecer é a nossa presença. Quando a atenção abraça aqueles que amamos, eles florescerão como flores”. A frase resume seus ensinamentos sobre a atenção plena (mindfulness) para a vida cotidiana, adotada por milhões de pessoas pelo mundo e fonte de inspiração para muitos estudiosos.

Jane Godwin Cury, em sua palestra, explica que mindfulness é a consciência que surge quando se presta atenção em algo, no momento presente, sem julgamentos. E recomenda: “Esteja presente no agora e entenda o que está acontecendo”. Bruna Almeida também aborda o tema, aplicando a mindfulness para otimizar a produtividade do dia a dia.

Estar presente – de corpo e alma, como se diz – está diretamente ligado à escuta ativa, tema abordado por Etienne Alves. Segundo ela, escutamos apenas 25% do que ouvimos porque praticamos a “escuta seletiva”. “É essencial saber ouvir sem julgar o outro”. Em outras palavras, seja um bom ou uma boa ouvinte. Na sala de aula, ela recomenda: “Não ofereça soluções e opiniões, faça o outro refletir através de perguntas progressivas”. Ana Holanda, jornalista e escritora, também compartilhou sua experiência e conhecimentos no 3º Fórum de Desenvolvimento Profissional CNA. Para ela, a escrita é o fio condutor para a comunicação afetuosa.

Situações adversas também ocorrem durante nossa vida. Neste caso, o caminho é adotar a inteligência emocional, uma aliada, de acordo com Vanessa Cotocsk, para quem a inteligência emocional proporciona a “capacidade de criar motivações, apesar dos percalços”. •

9. FORMAÇÃO CONTINUADA



Bruna Perez



Carla Alexandre



Daniel Shiro



José Luís Sanchez



Silvio Bufoni Junior



Victor Mirshawka

*“A aprendizagem é
para a vida.”*

(Victor Mirshawka)

APRENDER É...

Dois anos de pandemia de Covid-19 transformaram nossas vidas e a forma como nos comunicamos e interagimos uns com os outros. Tivemos de nos adaptar espacialmente e absorver novas tecnologias, mas o que esperar do futuro próximo? Em outras palavras, "o que devo continuar fazendo e o que devo delegar para a tecnologia?", pergunta Victor Mirshawka, ao falar sobre o Mapa Crítico de Funções.

Na palestra Youniversity, Mirshawka desafiou o público a pensar na própria carreira profissional como se fosse um aplicativo. "Quando foi a sua última atualização? Há novas funcionalidades, capazes de resolver problemas? Você pediu feedback, onde estão as avaliações? Afinal, qual é o seu diferencial?" As respostas parecem estar na nossa capacidade de permanentemente nos atualizarmos e nos requalificarmos. "Aprendizagem é para a vida", diz.

Para Carla Alexandre, o que nos trouxe até aqui não vai necessariamente nos levar além. Segundo ela, é preciso refletir. "Que aprendizagens atuais influenciarão o futuro de sua carreira?" Bruna Perez e José Luís Sanchez entendem que os professores, especialmente os que lidam com línguas, têm a responsabilidade e a obrigação de melhorar o próprio nível e o nível dos seus alunos.

A importância da formação continuada para professores é destacada por Silvio Bufoni Junior, para quem o professor deve buscar acrescentar atividades extras a suas aulas. Daniel Shiro, por sua vez, ensina que ninguém se torna professor em uma semana ou um ano. "Você comete erros e vai melhorar durante o processo". O importante, diz ele, é "procurar oportunidades para desenvolver suas habilidades de ensino, estar aberto a dar e a receber feedback e ensinar lições relevantes e significativas". Ou seja, aprender é um processo que nunca termina. ♦

10. COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA



Daniela Valim



Derick Coriolano



Janaína Lambert



Jhony Balisa



Raíssa Rafael



Vicky Teper

“Para cobrar é preciso saber fazer. Não se acomode.”

(Daniela Valim de Oliveira Ramos)

SEJA O EXEMPLO

A coordenação pedagógica, como todo cargo de liderança, impõe responsabilidades e segue alguns princípios - como cumplicidade, criatividade e empenho - para que os objetivos traçados sejam alcançados. As palestras sobre o tema abordam alguns destes aspectos e são muito úteis para quem ocupa a função ou pretende ocupá-la no futuro.

Dirigindo-se aos novos coordenadores pedagógicos, Daniela Valim de Oliveira Ramos apresentou as principais atividades do cargo e deu dicas imperdíveis de relacionamento. Vale lembrar que o coordenador se relaciona com diferentes públicos (equipe, alunos, pais e prospects), cada um deles com necessidades específicas. "Pais e alunos precisam de atenção constante. Em relação aos professores, tente minimizar a competitividade entre eles, pois estamos todos no mesmo barco", recomenda. Por fim, ela convida o coordenador a observar seu próprio comportamento. "Ser chefe não é estar acima, mas caminhar ao lado. Seja exemplo. Para cobrar é preciso saber fazer. Não se acomode".

A formação da equipe é um dos focos da coordenação pedagógica. Nesse sentido, Raíssa Rafael tratou de meios para buscar a formação continuada de professores, a começar da própria coordenação. "Quando você investe na própria formação, isso reflete na sua equipe, de modo que ela também queira investir nela."

Métodos e ferramentas para capacitação da equipe são abordados por Derick Coriolano e Vicky Teper, que aconselham a utilização de uma variedade de processos nas sessões de formação e dão dicas para início, condução e término de cada sessão. Para o trio Derick Coriolano, Janaína Lambert e Jhony Balisa, a observação de aula já é uma prática genuína de desenvolvimento profissional. "O novo relatório de observação de aula vem para mudar como a observação de aula é enxergada e percebida por professores. Menos focado no processo avaliativo e mais em desenvolvimento", anunciam. 📌